



A ESCOLA COMO REDE DE APOIO: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES ENLUTADOS

Bruna B. F. Chistoni (Universidade Federal de Uberlândia – UFU)

Ana Luiza Martins (Universidade Federal de Uberlândia – UFU)

Resumo: O luto não é um fenômeno muito discutido na cultura ocidental e por isso, é pouco discutido também no ambiente escolar. Diante da pandemia do Covid-19, o tema se tornou bastante recorrente no cotidiano, em trabalhos acadêmicos, na área da saúde mental, imprensa e vários outros. Dessa forma, se faz urgente a discussão acerca das consequências que ele traz e da maneira como ele é visto pelo senso comum. Com base na obra de Norbert Elias e da compreensão acerca do tema na área da Psicologia, o presente trabalho fornece diferentes formas culturais de interpretar o luto e analisar o fenômeno no conjunto social atualmente, com o objetivo de aprofundar o entendimento das configurações sociais em meio a um evento histórico. Assim, nos é possibilitada a realização de um recorte focado no ambiente escolar que se debruça sobre estabelecer perspectivas melhores de aprendizagem e aproveitamento dos alunos, mesmo apesar das circunstâncias.

Palavras-chave: Luto; cultura; adolescentes; pandemia; Covid-19; restrições; isolamento; ritos de passagem.

Introdução

O presente ensaio tem como intuito analisar a experiência do luto no atual cenário de pandemia global e seus desdobramentos, bem como promover uma análise acerca da experiência da morte e dos ritos de passagem. Dessa forma, é importante pensar a maneira como o luto afeta a rotina e as responsabilidades

diárias das pessoas, bem como seus impactos no âmbito biológico e cognitivo. Entende-se que apesar de o evento orgânico da morte consistir em uma experiência universal, ou seja, é do entendimento de todos que esse é o único destino último do qual temos certeza, a experiência da morte é bastante singular. Essa particularidade não diz respeito apenas a crenças dogmáticas e religiões de maneira individual da vivência de cada um, mas também à maneira cultural difundida na sociedade de como encarar esse momento.

Desenvolvimento

De acordo com a psicologia, em específico a autora Maria Aparecida Mautoni, estudiosa da morte e processos de terminalidade, o luto é referente a sensação de “ser despedaçado”, como uma dor que nunca passa, um sentimento considerado (pela vítima) eterno. O luto, na cultura Ocidental atual, demonstra que a morte não é mais vista com o mesmo significado que a religião proporcionava nos séculos anteriores, pois agora a morte é reprimida pelos indivíduos, que perdem a chance de processar o luto e a perda de maneira conjunta. Além disso, o luto é considerado um tema obscuro e até mesmo um tabu em nossa cultura, cercado de resistência quando se torna o assunto. Apesar disso, a escola tem se mostrado como um ambiente fundamental para a compreensão e reconhecimento das fases do luto na adolescência.

Os adolescentes, segundo a psicologia, passam por um processo natural de afastamento com figuras paternas ou de autoridade, com o intuito de se tornarem indivíduos autônomos e terem as próprias vontades princípios e comportamentos. Por isso, o adolescente enlutado lida com as fases do luto de maneira diferenciada dos adultos, tendo um forte sentimento de culpa devido ao afastamento e possíveis conflitos decorrentes desse processo de amadurecimento. No caso de perda de figura parental, o adolescente passa por uma fase de adaptação e transformação em que uma rede de apoio é essencial para a compreensão das fases do luto, e é nesse momento que entra a escola. O luto familiar tem uma especificidade marcante: a família não é mais vista pelo adolescente como rede de apoio, devido à culpa e a sensação de que está dificultando o processamento do luto de outros familiares, então ele se isola, não

compartilha seus pensamentos e sentimentos e sofre sozinho. É nesse momento em que a escola é vista como uma alternativa para a rede de apoio perdida.

Os adolescentes passam grande parte do seu dia na escola, em contato com outros adolescentes e adultos, indivíduos com quem eles podem manter laços fraternais e de amizade, mas que não se afetam diretamente com o luto vivido por eles. Quando o luto não é um assunto ignorado na sala de aula, é criado um espaço seguro para que ele compartilhe suas angústias sem culpa, e com esse apoio e escuta ativa por parte de seus colegas, promove uma melhor conscientização sobre o tema para aqueles que não viveram o luto e um amparo para aqueles estudantes enlutados.

Apesar da necessidade explícita de um espaço seguro e agradável para o adolescente em fase de luto, a escola muitas vezes não consegue ser a rede de apoio que lhe é atribuída. A maneira como o luto é observado como um assunto muito delicado, geralmente visto como tabu e a falta de recursos se mostra como um obstáculo tanto para o professor, quanto para o estudante. Como dito acima, o luto se mostra cada vez mais ausente na cultura Ocidental, forçando cada vez mais a individualidade neste processo, moção que também pode ser percebida dentro do ambiente escolar. Conseqüentemente, a saúde mental e física dos adolescentes fica prejudicada em conjunto com a fragilização de seus processos de aprendizagem.

Nota-se uma maior predisposição a doenças emocionais em adolescentes enlutados como: depressão, ansiedade, transtorno obsessivo compulsivo e até mesmo o transtorno afetivo bipolar. Isso ocorre devido ao desgaste emocional presente durante o momento de formação de personalidade que se une com a dor da perda presente no processo do luto. O luto por si só já afeta a motivação e disposição para realizar tarefas cotidianas e básicas, até mesmo como a higiene pessoal. Para os adolescentes, esse sintoma também possui impacto direto no ânimo e vontade em relação aos estudos e aulas. A sensação de perda de sentido é uma das mais graves durante esse processo, a perda de uma figura importante vem ligada a indiferença, como se o adolescente pensasse: “Se perdi uma das pessoas mais importantes de minha vida, qual o sentido de estudar ou acompanhar as aulas? Qual a importância de tirar notas baixas ou até mesmo reprovar? Se o pior já aconteceu.” Esse pensamento acompanhado de algum

desequilíbrio químico causador de doenças emocionais afeta ainda mais a compreensão, atenção, motivação e até a cognição do adolescente.

O luto está presente em toda sociedade, mesmo que de maneira mascarada e por isso, o ambiente escolar enquanto espaço de formação necessita preparar os alunos para essa fase da vida, considerada uma das mais difíceis. Embora as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação, a discussão do tema na sala de aula promove a empatia e a ajuda para com o aluno enlutado. Esse processo, tristemente se mostrou cada vez mais presente a partir do ano de 2020 com a emergência da alta infecção do novo Coronavírus, pois o coletivo social como um todo foi colocado frente à fatalidade dia pós dia. Conforme mostra a antropóloga e professora universitária Andreia Vicente da Silva em um boletim divulgado no site da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), o Ministério da Saúde lançou as condutas a serem seguidas na situação de manejo dos corpos levados ao falecimento pelo vírus algum tempo depois da declaração de calamidade pública. Funcionando como um manual, as instruções definidas visam a segurança dos profissionais que têm contato direto com os corpos e dos entes queridos, caso ocorra o velório. Por isso, houve uma clara mudança nos rituais funerários, que anteriormente, funcionavam com o objetivo de promover a reunião da família e amigos em processo de prestar suporte uns aos outros, relembrar daquele que se foi e, em conjunto, conceber a adaptação da realidade que a morte exige. Agora, o enfrentamento do luto tendo em vista a necessidade de envolver o indivíduo em várias camadas de proteção em um caixão lacrado se fez ainda mais desafiador.

Na obra “A Solidão dos Moribundos” de Norbert Elias, ele analisa a experiência da morte em meio às sociedades modernas e articula comparações com a Idade Média, por exemplo. Percebendo claras diferenças no que tange a confrontação com o evento de morrer, evidencia-se que antigamente a morte era tratada com mais naturalidade e familiaridade, tendo principalmente os familiares como responsáveis pelos últimos cuidados do corpo que restou, cerceados pela noção de ressurreição e contínua interação com o espírito que se foi, a morte representando, portanto, uma etapa transitória. A partir disso, compreende-se um pouco melhor também acerca dos comportamentos violentos de promover

eventos de batalhas fatais com gladiadores no período medieval, pois além de a morte ser tida como corriqueira, o autor também analisa a falta de identificação com aqueles que lutavam e conseqüentemente, a falta de empatia e sensibilidade com o que acontecia a seguir. Assim, além da transformação da morte em um tabu na sociedade, aconteceu também de desenvolvermos mais identificação com outros indivíduos e aquilo que eles representam, atribuindo mais sofrimento ao ato de morrer.

A falta de identificação nos tempos passados, por vezes pode ser entendida a partir da interpretação do Outro simplesmente como um Outro. Os gladiadores eram escravos de guerra e para muitos, representavam apenas o papel de treinar para lutar até a morte a fim de satisfazer o desejo por entretenimento daqueles que assistiam. Não tendo direitos e não sendo vistos como seres humanos, a morte destes, pouco importava. Agora, com o amadurecimento da noção de morte e seus ritos conseqüentes, juntamente com o entendimento acerca da possibilidade de ter o mesmo destino daqueles que se foram, a história é outra. A pandemia global do Covid-19, nos colocando constantemente frente ao falecimento, causa angústia, medo e tristeza. Não apenas em decorrência do fato de que ter uma vida breve não é um desejo comum, mas também devido às condições em que a morte ocorre. Como efeito do alto número de casos da doença e poucas condições de lidar com a rápida infecção e contágio, covas improvisadas precisaram ser feitas a fim de promover espaço para todos os corpos infectados pelo vírus. Considerando a resistência em se falar sobre a morte na cultura ocidental e a constante busca pelo prolongamento da vida, essa realidade é assustadora. Assustadora também, pois causa a impressão de descaso e desprezo com aqueles que se foram, o que causa ainda mais agonia nos que ficaram.

Conclusão

Diante da argumentação demonstrada acima, concluímos que o papel da escola é primordial para a mudança na forma em que a sociedade vê o luto, a morte e as pessoas afetadas pelo luto, principalmente após vivenciarmos uma

pandemia global que provocou a morte de centenas de milhares de brasileiros ao longo dos últimos dois anos.

O entendimento coletivo atual é que o luto deve ser vivido sozinho dentro do quarto e compartilhado apenas com pessoas de convívio próximo. Isso gera uma impressão de que a pessoa enlutada foi abandonada, que ela está sozinha e deve contar apenas consigo para aprender a lidar e conviver com dor emocional causada pela perda. Quando a escola se propõe a ser o apoio que mostra para o adolescente que ele não está só nessa jornada, ela torna esse processo mais leve e menos adoecedor para o adolescente e sua família também.

Durante a pandemia e o Ensino à Distância (EaD), esse papel foi extremamente prejudicado, porque o ambiente escolar perde o toque, perde a compreensão, perde o momento de acolhimento, perde a abertura e conforto primordiais para o compartilhamento de experiências, pois o momento da aula se torna exclusivamente metódico, as relações mantidas se tornam distantes e indiferentes. Nesse aspecto, o EaD trouxe ainda mais dificuldades acerca do tema luto. Apesar da cultura e mentalidade atuais, o luto pode sim ser vivido de maneira coletiva, isso fortalece laços, e demonstra que o ambiente escolar é um ambiente seguro para o adolescente mostrar suas vulnerabilidades e fraquezas, podendo aprender a conviver com elas sem que isso prejudique sua rotina e o seu processo de formação.

Bibliografia

BASSO, Lissia; WAINER, Ricardo. **Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental**. Rio de Janeiro, 2011.

GRANJA, Ana; COSTA, Nilza; REBELO, José. **O luto em contexto escolar: vivências em primeira pessoa**. Universidade de Aveiro: Portugal, 2012.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos seguido de Envelhecer e Morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

SANTOS, Francielle; SOUZA, Luana. **Influências do luto no processo de aprendizagem**. Anápolis, 2020.

<<https://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2339-boletim-n-25-cientistas-sociais-e-o-coronavirus#.YgxA8VPIJTo.whatsapp>> acesso em: 14 fev. 2022.